

XIII CONFERENCIA INTERNACIONAL Antropología 2016



22 al 25 de noviembre de 2016
Instituto Cubano de Antropología

filosofía@.cu
EDITORIAL



Para ejecutar el programa
hacer click en main.exe
en el DVD, o en el
directorio previamente
copiado.

**Requerimientos
técnicos:**

Procesador PENTIUM IV o
superior, QuickTime.

Tarjeta gráfica SVGA con
32MB de Ram, 800x600x16



INTERNACIONAL
VCOLOQUIO
DE ARQUEOLOGÍA

CONSEJO CIENTÍFICO:

Dr. Cs. Pedro Pablo Godo Torres
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Ulises González Herrera
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Gerardo Izquierdo Díaz
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Raúl Villavicencio Finalé
(Escuela de Superación del Turismo)

MSc. Lázara Yolanda Carrazana Fuentes
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Pablo Rodríguez Ruiz
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Dmitri Prieto Sansonov
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Dany Morales Valdés
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Rueso Fernández Ortega
(Instituto Cubano de Antropología y Grupo Cubano de Investigaciones de Arte Rupestre)

COMITÉ ORGANIZADOR:

Presidente: Lic. Estrella González Noriega

Vicepresidente: Dr. Cs. Gerardo Izquierdo Díaz

Secretaria: Isis Fernández Artiles

Miembros: MSc. Pablo Rodríguez Ruiz

Lic. Guillermo Baena González

Téc. Ailyn Martínez Rego



O Megalitismo no Alentejo (Portugal): as intervenções de Manuel Heleno (1931-1939) e o seu contributo para a Arqueologia portuguesa

Leonor Rocha (Phd)

lrocha@uevora.pt

CHAIA/UÉ [2016] - Ref.ª UID/EAT/001 12/2013 [CHAIA/UÉ 2014]
- [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT
/Fundação para a Ciência e a Tecnologia]

Palavras-chave: Megalitismo; Manuel Heleno; História da Arqueologia; Arqueologia Pública

Resumo:

Entre a primavera de 1931 e a primavera de 1945, Manuel Heleno, Diretor do Museu Etnológico e Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dedicou-se ao inventário e escavação de centenas de monumentos megalíticos no Alentejo Central.

Apesar do volume de informação recolhido este investigador, acabou por não publicar os seus dados o que trouxe graves consequências para o estudo do megalitismo funerário alentejano.

Para além de uma caracterização dos trabalhos realizados por Manuel Heleno, apresenta-se um conjunto de reflexões sobre questões relacionadas com a produção e divulgação de informação, em Arqueologia e a responsabilidade social do arqueólogo.

1. Introdução

A arqueologia alentejana encontra-se profundamente marcada por dois investigadores, Vergílio Correia e Manuel Heleno que, estando ligados ao Museu Etnológico Português entre os finais do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX, realizaram trabalhos de investigação nesta área.





Fig. 1. Mapa de enquadramento na Península Ibérica e da área em estudo.

Ao analisarmos a documentação existente, verificamos que Vergílio Correia (Rocha, 1999, no primeiro quartel do séc. XX, inicia um programa sistemático de trabalhos arqueológicos, com a identificação e escavação de numerosos monumentos megalíticos funerários (dolmens) da área de Pavia (Mora), que se traduziu na publicação duma obra de referência internacional (*El Neolítico de Pavia*, Correia, 1921), sobre o megalitismo regional.

Na realidade, a intervenção, quase sistemática, em dolmens e sepulturas megalíticas alentejanas, foi, até meados do séc. XX, um privilégio dos diretores e investigadores do Museu Etnológico, atingindo o seu expoente máximo com Manuel Heleno. De facto, as centenas de monumentos escavados só por Vergílio Correia e Manuel Heleno, mas sobretudo por este último, representavam, para as respetivas áreas de estudo, um manancial de informação manifestamente subaproveitada, sobretudo por se encontrarem, em grande parte, inéditas – se bem que por motivos bem diferenciados.

Vergílio Correia, que, realizou, segundo ele, “la mayor y más completa exploración dolménica hecha hasta hoy en Portugal” (Correia, 1921: 9) viu a publicação dos seus resultados sofrer alguns percalços, aparentemente devido à sua incompatibilização com Leite de Vasconcelos que lhe terá negado, na fase final da sua permanência neste Museu o acesso aos materiais e respetivos documentos de campo, referentes às campanhas de 1914 e 1915 (Rocha, 1999) depositados no Museu Etnológico, pelo que a publicação, em Espanha, foi bastante sucinta e deficitária.



O caso de Manuel Heleno foi completamente diferente. Não obstante os seus trabalhos de prospeção e escavação de monumentos megalíticos no Alentejo parecerem ser uma continuidade dos de Vergílio Correia, os seus resultados só viriam a ser conhecidos nos albores do século seguinte, quando o Museu Nacional de Arqueologia conseguiu adquirir as suas anotações pessoais, de campo, que estavam na posse da família.

2. O megalitismo alentejano na primeira metade do séc. XX: o caso de Manuel Heleno

A aquisição dos Cadernos de Campo de M. Heleno, pelo Museu Nacional de Arqueologia (MNA), no início do séc. XX, permitiu aos investigadores interessados nesta temática (e não só, uma vez que os seus trabalhos abarcaram sítios de distintas cronologias), começarem a recuperar a informação arqueológica perdida durante quase setenta anos. Com referências a intervenções em monumentos megalíticos alentejanos existiam 46 *Cadernos* manuscritos, relativos aos concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche, Mora, Arraiolos e Estremoz, que necessitavam de ser analisados, organizados e transcritos. Essa tarefa, que durou cerca de dois anos, permitiu compilar informação sobre cerca de 300 monumentos e sítios (dolmens, sepulturas megalíticas, povoados, santuários), escavados ou apenas referenciados. Posteriormente, o trabalho foi orientado para a realocização dos monumentos e sítios referenciados por Manuel Heleno no Alentejo procurando, simultaneamente, obter novos dados sobre o megalitismo regional.

No que diz respeito ao Alentejo Central, os monumentos e sítios inventariados por Manuel Heleno, permitiram verificar que, não obstante não se encontrar menção em nenhuma da documentação consultada ao modo como esta região foi escolhida, trata-se de uma área geográfica bastante coerente. Os limites dessa área definem-se sensivelmente num retângulo de orientação NE-SW, que engloba essencialmente a parte Norte do Alentejo Central. (Fig. 1). Apesar de existirem informações e/ou referências a outros monumentos e sítios em outros concelhos do Alentejo, estes correspondem a meras informações que lhe foram transmitidas – e que em muitos casos nunca chegaram a ser confirmadas por Manuel Heleno, no terreno.

No que diz respeito à metodologia utilizada por Manuel Heleno, nos seus trabalhos, verifica-se que, para a maioria dos monumentos megalíticos funerários, utilizou um Código sequencial, alfabético, que vai de A a LO. A criação deste código, única designação que se encontrava nos contentores depositados no MNA, esteve na origem de um dos grandes problemas criados por M. Heleno: o total desconhecimento sobre quais os monumentos intervencionados.

Assim, os trabalhos realizados no terreno, de identificação dos monumentos e sítios basearam-se nas indicações fornecidas, sem suporte cartográfico, por este investigador, que nalguns casos era bastante omissa o que nos levou a recorrer a outras estratégias:



a) tendo em conta que, normalmente ia escavando, de uma forma sequencial, os monumentos que se encontravam próximos uns dos outros, os casos menos explícitos foram identificados com base na pesquisa toponímica (tendo em consideração as Campanhas ou os *Cadernos de Campo*), efetuada nas imediações dos anteriormente identificados;

b) nos casos em que este método não era suficiente, utilizou-se ainda um documento existente em Portugal designado por Repertório Toponímico de Portugal que nos permite verificar os topónimos existente a nível nacional dentro das Cartas Militares existentes. Desta forma, foi possível identificar e localizar cartograficamente a maioria dos topónimos referidos por Manuel Heleno.

Quanto à realocização dos monumentos propriamente ditos, foi usada, sempre que possível, a informação oral, embora, na maior parte dos casos, tenha sido necessário efetuar batidas, mais ou menos sistemáticas, do terreno. No entanto, esta tarefa foi dificultada por vários condicionalismos. De fato, volvidos cerca de setenta anos após o início dos trabalhos de Manuel Heleno, no Alentejo, muitas foram as alterações paisagísticas relevantes, não só a nível dos tipos de uso dos solos, como da rede viária e dos próprias casas (montes) que lhe serviram de referência na maior parte das descrições.

Na verdade, nos últimos anos, muitos dos terrenos irrigáveis foram completamente transformados por uma agricultura de regadio que não se compadece com a presença de monumentos megalíticos, vistos como um empecilho à passagem das máquinas agrícolas e, sobretudo, dos *pivots* de rega. Noutros casos, ocorreu a situação inversa: algumas áreas de pequena propriedade onde, nos anos trinta e quarenta, se fazia uma agricultura tradicional, de base familiar (atualmente pouco rentável), foram abandonadas e cobertas por matagais - utilizados como coutos de caça - que tornam muito difícil a localização dos monumentos megalíticos de pequena dimensão.

Estas dificuldades vêm-se, frequentemente, acrescidas por um fenómeno muito recente na região e que se relaciona com alterações significativas ao nível da propriedade e do tipo de uso dos solos: a vedação das propriedades com redes que chegam a atingir os três metros de altura e com portões fechados a cadeado.

Apesar de todos estes condicionalismos ainda nos foi possível realocar no terreno, um total de 186 monumentos megalíticos. Dos que não foi possível identificar há a considerar três situações:

1. a área apresenta um coberto vegetal muito denso ou muitos amontoados de pedras. Neste caso, os monumentos poderão estar encobertos. Foram cartografados a partir das indicações fornecidas por Manuel Heleno;
2. a área encontra-se totalmente limpa de pedras. Os monumentos encontram-se certamente destruídos e foram igualmente cartografados a partir das indicações fornecidas por Manuel Heleno;
3. as indicações fornecidas por Manuel Heleno são ambíguas ou mesmo inexistentes. Estes monumentos não foram, obviamente, realocizados nem cartografados. Dentro deste grupo existe um total de 40



monumentos que, na sua maioria, não foram escavados (e alguns nem chegaram a ser visitados) por Manuel Heleno.

3. A geomorfologia e o clima

A região Alentejo apresenta uma grande diversidade litológica e estrutural, as quais condicionam, naturalmente, a topografia e a geomorfologia existindo três grandes categorias de relevo, correspondentes, respetivamente, às áreas de afloramento das rochas magmáticas, das rochas metamórficas e das rochas sedimentares.

A primeira caracteriza-se pela boa conservação das superfícies de erosão nos interflúvios, com vales largos de fundo plano onde a rede hidrográfica apresenta uma boa adaptação às fraturas. Possui relevos mais moderados, com vales de fundo largo. (Ribeiro *et al.*, 1991)

As rochas metamórficas apresentam, regra geral, paisagens mais acidentadas e relevos mais movimentados. Nas áreas das bacias terciárias do Tejo e do Sado, o relevo é muito mais suave, e a rede hidrográfica apresenta vales de fundo aplanado preenchidos por depósitos.

A propósito do clima em Portugal, Orlando Ribeiro referiu que “alguns tratados distinguem com o nome de *clima português* um tipo especial, caracterizado por Invernos benignos. Estios moderados, embora quentes e sempre secos, amplitude anual reduzida” (Ribeiro, 1998: 5)

De acordo com Daveau *et al.* (1985), a zona em estudo é caracterizada por Invernos moderados e Verões quentes, ou seja, a temperatura mínima, no mês mais frio está compreendida entre os 4 e os 6 °C, e a temperatura máxima média do mês mais quente está compreendida entre os 29 e os 32 °C.

Em relação à precipitação média anual, verifica-se que, atualmente, existe uma forte assimetria sazonal da precipitação, a qual ocorre essencialmente no Inverno. Esta situação provoca um escoamento irregular das linhas de água ao longo do ano, sendo os caudais de Verão muito reduzidos ou mesmo nulos (Alcoforado *et al.*, 1982; Matos e Silva, 1986)

Os recursos hídricos apresentam, naturalmente, uma relação muito estreita com os outros parâmetros biofísicos de uma região, interagindo com o clima, com o solo, com a vegetação, com a morfologia do terreno e, também com as atividades humanas.

De facto, a forma como se distribui e ocorre a água, no espaço físico, condiciona este mesmo espaço atribuindo-lhes características únicas que contribuem para a sua identificação e influenciam diretamente o seu funcionamento como sistema. A utilização das águas subterrâneas e superficiais assumiu, desde sempre, um papel determinante para a fixação das populações ao longo dos tempos. No Alentejo, a elevada profundidade a que se encontram a grande maioria dos lençóis freáticos torná-las-ia inutilizáveis para as



populações pré-históricas, isto considerando que os lençóis freáticos sempre se tinham encontrado em posição análoga a atual, o que ainda não ficou demonstrado. Aliás, considerando o encaixe recente da rede hidrográfica, poder-se-á considerar que no Neolítico e no Calcolítico estes poderão ter estado mais alto. Em todo o caso, terão aproveitado também águas de nascentes e de captações rudimentares de níveis freáticos superficiais, que posteriormente evoluíram para galerias e poços revestidos de pedra.

Por último, a capacidade de uso dos solos é condicionada pelos tipos de rochas, relevo, clima e práticas agrícolas, o que se traduz numa grande heterogeneidade, no que respeita à sua produtividade. Por outro lado, as características e qualidades mais importantes de um solo prendem-se com as suas aptidões e restrições para as diversas atividades humanas. Assim, um determinado tipo de solo pode ser fértil para uma cultura mas não o ser para outra, pelo que, as classificações existentes atualmente poderão não ser as mais corretas para o uso do solo na pré-história.

No Sul de Portugal os solos apresentam, de uma maneira geral, pouca potencialidade para a exploração agrícola em larga escala, devido às suas características e qualidade e, o Alentejo apresenta uma grande diversidade de solos pelo que é difícil procurar estabelecer padrões para o povoamento do V e IV milénios, sobretudo se se analisar a uma escala regional. De facto, as manchas megalíticas encontram-se presentes em todos os tipos de solos considerados atualmente.

4. Metodologias de campo e de laboratório

Os *Cadernos de Campo* de Manuel Heleno, naturalmente por não se destinarem a ser publicados, não continham muitas indicações explícitas sobre as metodologias utilizadas, pelo que nem sempre é fácil avaliar “o pensamento do estranho personagem que foi Manuel Heleno” (Gonçalves, 1989: 73), pelo que as suas metodologias de campo tiveram de ser inferidas através da análise atenta destes manuscritos.

O “projeto” de investigação conduzido por M. Heleno no Alentejo decorreu entre 1931 e 1945, com alguns intervalos, e dezenas realizadas por ano. Como se pode verificar pela análise do Gráfico 1, existe uma grande disparidade no número de intervenções realizadas. Estas diferenças devem-se ao facto de, amiúde, M. Heleno voltar a realizar pequenas intervenções em monumentos onde já tinha realizado trabalhos, por ter ficado com dúvidas sobre algum aspeto ou simplesmente para crivar sedimentos que tinha deixado guardados. Por outro lado, entre 1940 e 1944, interrompe toda a sua atividade no Alentejo, muito provavelmente devido à conjuntura que se vivia em termos nacionais e internacionais (2ª Guerra Mundial).



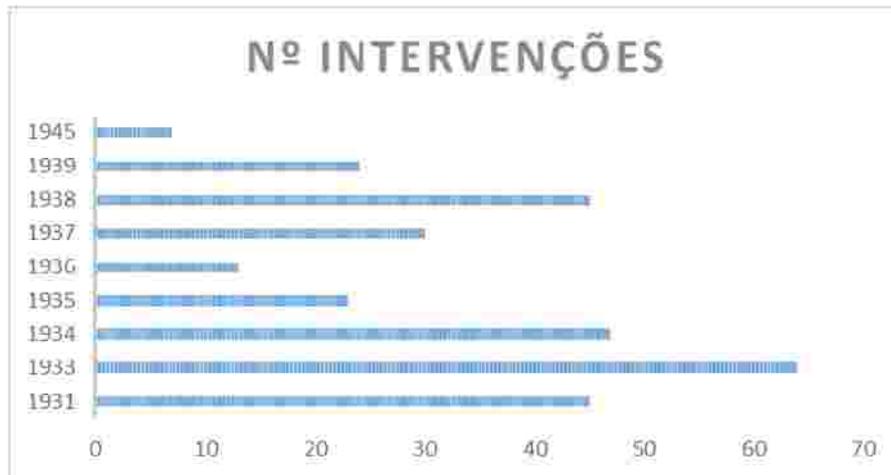


Gráfico 1. Número de intervenções realizadas por ano (sgd. Rocha, 2005).

Na prática, tratou-se do maior trabalho realizado até à atualidade, sendo impressionante o carácter sistemático das intervenções dado que os monumentos escavados ou simplesmente referenciados formam uma malha contínua, em que os hiatos entre monumentos nunca excedem os três quilómetros. O resultado final foi, nas palavras dos Leisner “a série maior e mais importante de escavações em dólmenes deste tipo (pequenas sepulturas simples)” tenha sido “efectuada pelo Dr. Manuel Heleno Júnior” (Leisner e Leisner, 1985: 20).

Em termos de metodologia de campo, cada monumento era identificado através da sua designação (por norma o nome da Herdade ou o topónimo do sítio) seguido de um código (alfabético); a data da intervenção; a localização; a descrição do espólio recolhido; a descrição da arquitetura; a orientação e, em alguns casos, os comentários finais. A data da intervenção é referida apenas em alguns monumentos; noutros, apenas contamos com a data que consta no Índice do Caderno de Campo.

A título de exemplo, transcrevemos dois excertos do 1º Caderno de Campo (Rocha, 2005), onde se pode observar duas características dos seus trabalhos: i) a recolha de informação de índole diversa; ii) o modo como descreve as intervenções.





Fig.2. Caderno 1 – capa

“CADERNO 1

ESCAVAÇÕES NOS ARREDORES DE MONTEMOR

ANTAS DA ALDEIA DO SIBORRO

FREGUESIA DE S. GERALDO

PÁSCOA DE 1931

ANTAS DO PAÇO: ANTA A

ETNOGRAFIA SIBORRENHA

ANTAS DO CIBORRO

Partida de Lisboa:

Parti com o Madeira no dia 6 de Abril de 1931. Dia de céu limpo: uma ou outra nuvem branca.

Campos verdejantes, cearas prometedoras.

Moita – os habitantes são designados por “esporras” de Moita. Diz-se esperras para abreviar a obscenidade.

Torre da Gadanha – Mudança para a linha de Montemor-o-Novo.

Paiais – olivedo fotografar sua mancha escura no verde dos campos. Ao longe o castelo de Montemor, torres altas.

A seguir azinheiras, sobreiros, para voltar o “olivedo”

Antas – nas proximidades de Montemor em Torraes há uma herdade há uma anta. A anta de



Torrais foi escavada por Carvalhais.

Na Quinta da Amoreira da Torre (4 km de Montemor) tem aparecido sepulturas.

Na Quinta do Gago apareceram coisas antigas.

(...)

Sílex – na estrada do Giraldo, no Cabeço de Stº André aparece pederneira. Na Herdade dos Reguengos, perto de S. Mateus, parece também haver.

Na Herdade das Pedras Alvas, estrada de Montemor para Arraiolos, também há.

Cabeço da Moura – designação dum cabeço fica pegado à Herdade do Cortiço.

Antas: há uma anta, chamada de Casa Velha, na Comenda do Coelho (Informação do Sr. Alfacinha (explorei-a pela Páscoa de 1931).

S. Geraldo – de Montemor a S. Geraldo montados e algo de terra de sementeira. Muito arvoredo.

S. Geraldo, pequena povoação. A igreja apresenta uma capela não (...) tipo gótica.

Antas:

- A da Comenda da Igreja fica a 1 km da igreja de S. Geraldo (propriedade do Sr. Amaral)

- Duas antas na Herdade do Paço, próximo da Ribeira de S. Geraldo.

- Anta da Comenda do Coelho, fica ao pé da Fonte da Taipa (propriedade Carlos do Amaral), chama-se no terreno Casa Velha.

Informações de Custódio José Pires, sacristão de S. Geraldo.

Cantigas sobre S. Geraldo

(...)

Anta: na Comenda Grande, herdade do Sr. Amaral, há uma chamada “Curral da Antinha”. Fica a 1,400m de S. Geraldo. O proprietário vive em Lisboa, Avenida António Serpa, 26 – 4º Dtº.

Explorei-a na Páscoa de 1931.

Anta do Monte do Estanque: fica próximo da Fonte de S. Geraldo. Está transformada em capoeira.

(.../...)

ANTAS DO PAÇO

Quem seguir pela estrada de Montemor-Mora em direcção à aldeia do Siborro e por altura do km 11 voltar ao Sul em direcção à Tapada, encontra o Monte da Tapada, aproximadamente a 400m um vale chamada Vale das Antas. Estas têm a Sul, a uns 150m a ribeira do Lavre.

Próximo cabeços da Funcheira, o dos Barrocaes, Chão Quente. Qual o castro?

As antas são duas: uma com corredor, que designámos por Anta Ocidental (B), de grandes dimensões, outra a que demos o nome de Anta Oriental, mais pequena, de que resta a câmara e um corredor já com os esteios caídos.



Esta câmara é constituída por sete esteios aplanados, dos quais um serve de pedra-mestra, cobertos por um chapéu de grandes dimensões.

Orientação da anta: entrada voltada para Leste.

Existem vestígios do corredor. A anta estava transformada em choça de maltez, tendo os interstícios tapados com pedra miúdas postas superiormente e por ramagens.

Está descoberta, mas em cima dum montículo.

No interior um esteio caído. Os esteios são de granito, pedra da região.

ANTA N.º 1 (ORIENTAL)

Dimensões: 2,80m x 3m x 1,55 Altura.

Os esteios estão inclinados para a frente.

Dimensões dos esteios:

Esteio A:

Altura 1,43m.

Largura: 1,03m.

Espessura: 0,48m

Esteio B:

Altura 1,35m.

Largura: 1,50m.

Espessura: 0,35m

(.../...)

Corredor: voltado a oriente. Tem os esteios já deitados, restando três.

Classificação da anta: Eneolítico inicial, fase B. corredor desenvolvido, embora os esteios caídos

Escavação:

Ao tirar a terra de volta dos esteios caídos encontrou-se um resto dum chapão.

Entrada do corredor fragmentos de chapão; outro da câmara.

Ceítíl. Na câmara desta anta apareceu uma moeda, que julgo um ceítíl.

Três fragmentos de pote de barro grossos (romano?)

Um fragmento de loiça eneolítica.

Uma cabeça de coelho.

Câmara: um bojo dum vaso eneolítico.

Corredor: fragmentos de loiça muito espessa com traços de ornamentação.

Ligação do corredor com a câmara:

Fragmentos de chapão, um deles com buraco.



Parte inferior de outro, ornamentado.

Corredor:

Machado de basalto, secção sub-rectangular, gume perfeito, parte oposta fragmentada.

Faca. Câmara

Objecto de barro com sulco. Corredor

Chapão inteiro. Corredor

Outro no começo do corredor.

Machado com belo gume, basalto, partido ao meio.

Vaso junto a um chapão no corredor

Distância ao Moinho da Tapada: 200m a SSW da anta n.º 1 (oriental)

(.../...) “

Entre os aspetos mais relevantes da sua metodologia em campo destacamos, pela positiva, ou pela negativa:

- a) Identificação de centenas de monumentos megalíticos, alguns dos quais destruídos nas últimas décadas;
- b) Uso quase sistemático do crivo (sobretudo nos monumentos com mais espólio);
- c) Registo gráfico das estratigrafias (perfis estratigráficos), feito sempre de forma esquemática, (de forma muito mais pontual por Manuel Heleno);
- d) Na descrição dos artefactos, destaca-se a sua singularidade terminológica de Manuel Heleno devido ao uso recorrente de diminutivos, como “faquinha”, “laminazinha”, “chapãozinho”, “pedrinha”, “vasinho”, entre outros;
- e) Comparação dos espólios com outros recolhidos em monumentos análogos ou exumados dos concheiros mesolíticos, que lhe interessava para apoiar a sua teoria sobre a origem do megalitismo alentejano – sobretudo os geométricos;
- f) A tentativa de seriar tipologicamente e cronologicamente alguns artefactos como a pedra polida (machados, enxós e goivas), as pontas de seta ou os micrólitos - ainda que nalguns casos possa não ter sido muito bem sucedida – representa um avanço na investigação sobre o tema;
- g) Recolha de amostras de terras com cinzas e restos osteológicos atesta um interesse, inusitado para a época, por este tipo de registo. As suas observações sobre aspetos de carácter ritual, embora escassas, são igualmente relevantes; destacam-se as observações sobre a posição dos esqueletos, os eventuais indícios de cremações ou a posição de alguns artefactos;



- h) Secretismo sobre os trabalhos realizados, que o levou a codificar os monumentos. Esta faceta da sua personalidade conjugada com a não publicação da sua investigação, atrasou a investigação sobre o tema.

Não obstante termos alguns dados sobre o modo como terá conduzido os seus trabalhos no campo, sabemos hoje que não existiu a fase seguinte, ou seja o tratamento dos materiais em laboratório. De facto, os materiais recolhidos nas intervenções eram remetidos semanalmente, por comboio, para Lisboa, e depois colocados num compartimento fechado. Aparentemente apenas M. Heleno tinha a chave, que não cedia a ninguém. Alguns dos materiais recolhidos continuam atualmente por lavar e inventariar.

5. Manuel Heleno: escavações *versus* conservação

A atividade de Manuel Heleno enquanto arqueólogo, professor universitário e diretor do Museu Etnológico foi frequentemente alvo de críticas e contestação por parte da restante comunidade científica portuguesa. Algumas destas críticas podem dever-se, em parte, à rápida ascensão de Manuel Heleno (aos 35 anos) a um lugar de topo na arqueologia portuguesa tendo em conta a sua juventude e a sua escassa experiência. Os conflitos entre Manuel Heleno e a comunidade arqueológica em geral agitaram a arqueologia portuguesa, entre os anos 30 e 50 do séc. XX, e levaram mesmo alguns arqueólogos a evitar entregar o espólio, recolhido nas suas intervenções, ao Museu Etnológico.

Apesar das limitações anteriormente apontadas e das metodologias de Manuel Heleno não serem as consideradas atualmente como as mais adequadas, a maioria dos problemas identificados constituem a norma no ambiente científico da época e parecem resultar também de alguma falta de experiência de Manuel Heleno (Rocha, 2005).

Mas, se analisarmos o seu trabalho noutras perspetivas podemos considerar que, na realidade, teve três grandes aspetos positivos:

- 1) Numa altura em que a esmagadora maioria da população portuguesa passava sérias dificuldades devido à conjuntura internacional, os trabalhos de Manuel Heleno eram, para muitos, a garantia de um salário. De facto, segundo informações orais recolhidas junto do último dos seus colaboradores vivos, o Sr. Roldão, Manuel Heleno pagava mais aos trabalhadores rurais do que os demais empregadores;
- 2) Certamente que também a sua metodologia para obter as localizações de monumentos – através de informação oral – fomentou o interesse destas populações para este tipo de monumentos e para a



importância que poderiam ter, de certa forma, um esboço da ideia de uma educação patrimonial através de um diálogo entre o arqueólogo e a população;

- 3) Do ponto de vista da salvaguarda dos monumentos, e ao contrário do que por vezes ainda continua a subsistir, Manuel Heleno cobria de novo os monumentos (com as terras removidas no decurso da intervenção) o que permitiu a conservação da sua estrutura pétreo e mesmo tumular (mamoas).

Em última análise, os meios que durante décadas Manuel Heleno teve à sua disposição, permitem atribuir-lhe responsabilidades acrescidas em termos científicos e sociais. A não publicação de um corpus do megalitismo alentejano, como resultado do elevado investimento efetuado foi, sem dúvida, o aspeto mais negativo do seu percurso.

6. Bibliografia

ALCOFORADO, M; ALEGRIA, M. F; RAMOS, A; SIRGADO, C. (1982) – *Domínios bioclimáticos em Portugal, definidos por comparação dos índices de Gaussen e de Emberger*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. 27.

LEISNER, G. e V. (1985) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed.).

MATOS, R.; SILVA, M. (1986) – *Curvas de Intensidade – duração – frequência de precipitação em Portugal*. Lisboa.

RIBEIRO, O. (1988) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa. 7ª Edição.

RIBEIRO, O; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1991) – *Geografia de Portugal. I. A posição geográfica e o território*. Lisboa: Sá da Costa.

ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.

ROCHA, L. (2005) - *Origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: o contributo de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. Lisboa: FLUL (policopiada).

